

UNS «PEDASSOZ DE SINO»:

O ESTUDO DE CASO DOS SINOS DA PARÓQUIA DA FOZ DO DOURO

MARISA PEREIRA SANTOS*

Resumo: *A tradição confere aos sinos de torre, marcadores de tempo por excelência, um caráter apotropaico e profilático. Os seus sinais sonoros estabeleciam a ordem do dia, anunciavam nascimentos e mortes, convocavam para ofícios divinos e festividades do calendário litúrgico e alertavam para perigos materiais e espirituais iminentes.*

As constantes refundições a que estes objetos estiveram e estão expostos, aliadas às mudanças de estilo de vida das comunidades, à automatização dos toques, ao decrescente número de sineiros no ativo e ao consequente esquecimento dos conhecimentos a eles associados, constituem riscos para a preservação das formas, usos e funções dos sinos.

Contribuindo para o estudo da tradição sineira portuguesa, procura-se abordar os sinos no contexto paroquial da Foz do Douro, partindo da análise de excertos documentais e dos exemplares existentes na atual igreja paroquial, traçando, dentro do possível, a diacronia destas peças.

Palavras-chave: *Igreja paroquial de São João Batista da Foz do Douro; Igreja renascentista da Foz do Douro; Sinos; Tradição sineira.*

Abstract: *Tradition gives to bells, time markers par excellence, an apotropaic and prophylactic character. The sound signals they emitted established the order of the day, announced births and deaths; called for divine services and the festivities of the liturgical calendar, and warned of dangers.*

The constant recasting, combined with changes in the communities lifestyle, the automation of ringing, the decreasing number of active bell ringers, and the consequent forgetting of the knowledge associated with them, constitute risks to the preservation of the forms, uses, and functions of bells.

Based on documentary sources and analysis of existing bells in the current parish church, we intend to study the bells in the parish context of Foz do Douro. As far as possible, we intended to trace the diachrony of these objects, contributing to the study of the Portuguese bells tradition.

Keywords: *Church of São João Batista da Foz do Douro; Renaissance Church of Foz do Douro; Bells; Bells tradition.*

1. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Os sinos de torre são parte integrante da paisagem cultural e sonora da Europa. De tradição milenar, a sua utilização em contexto europeu deveu-se, em grande medida, ao fenómeno monástico, particularmente à Regra de São Bento. Ao longo dos tempos, foram símbolo de poderio económico e administrativo, sendo motivo de disputa e roubos entre comunidades (Sebastian 2008, pp. 37, 91).

Nos últimos anos, a tradição sineira no contexto português tem sido alvo de análise e debate. Questões como a apotropaicidade do som, modelos e técnicas de fundição, usos, funções e iconografias foram abordados por Carlos Alberto Ferreira de Almeida

* CITCEM (UIDB/04059/2020; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>)/FLUP/DCTP. Email: mpfsantos@letras.up.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8338-7487>.

(1966; 1981), Mário Correia (2005), Luís Sebastian (2006; 2008) e Diana Felícia (2019), Yuri Vieira (2022) e Maria Adelaide Furtado (2024). Nomeie-se ainda a exposição virtual *Tradição Sineira: Entre o Tangível e o Intangível*. De uma cronologia anterior, destacam-se os textos de Francisco Sousa Viterbo (1896; 1915), Satis Coleman (1928) e Alberto Vieira Braga (1936). Quanto ao processo de fundição, não se pode deixar de mencionar a tratadística, nomeando-se como exemplo *De la Pirotechnia* de Vannoccio Biringuccio (1559).

Neste artigo não se pretende desenvolver exaustivamente as tipologias de sinos, técnicas de fundição e regionalismos de toques. Procede-se antes a uma breve contextualização destes temas no ponto 2 deste texto. Procura-se, sim, abordar os sinos no contexto paroquial da Foz do Douro, partindo da análise dos objetos existentes da atual igreja paroquial e das referências documentais encontradas no Arquivo Paroquial da Foz do Douro (APFD) e no Arquivo Distrital do Porto (ADP). Desta forma, pretende-se contribuir para a leitura material e funcional das peças que nos chegaram, e identificar, dentro do possível, a memória dos sinos que outrora pontuaram o ambiente sonoro da Foz do Douro, mas que não sobreviveram até aos nossos dias.

Ao longo dos últimos 4 anos temos abordado a Foz do Douro a partir de uma perspetiva holística e integrada, culminando a investigação na tese de doutoramento em Estudos do Património – História da Arte (FLUP), «*Silêncio... a Foz vai doirando lentamente...*» *Território, Devoção e Práticas Culturais da Foz do Douro* (2022)¹. Apesar da tradição sineira ser mencionada nesse trabalho, não foi alvo de uma análise aprofundada. Este artigo apresenta à comunidade científica um novo objeto de estudo neste contexto territorial.

2. O SINO: FORMA, FUNÇÕES E DEVOÇÃO

Apesar de os sinos terem marcado presença em edifícios civis, é nas estruturas sacras que a sua utilização se evidenciou e teve continuidade. Inicialmente, as «trombetas de prata» anunciavam «os sacrifícios do Tabernaculo», função ocupada pelos sinos, que dão a conhecer Deus «em todo o mundo» (Bluteau 1720, p. 658). Estes objetos passam a exercer uma influência direta nos modelos arquitetónicos dos espaços sacros. Se inicialmente as torres, junto às igrejas, tinham como função proteger as comunidades (Almeida 1966, p. 339), com a integração dos sinos, a partir do século VIII, dá-se a mudança de paradigma (Durand 1858, pp. 449-450). A arquitetura adapta-se a novos usos (Ferreira-Alves 2006-2007, p. 182). As *Constituições Synodaes* (1585; 1735) determinam a existência de sinos e campanários como «requisito necessario pera perfeição dos Templos» (*Constituições Synodaes* 1585, p. 90; *Constituições Synodaes* 1735, p. 268). Ana Cristina Sousa (2010) aponta como preocupação dos visitantes o «número, estado de conservação e modo de funcionamento» dos sinos e «sistemas de sustentação» (Sousa 2010, pp. 163-164). Era determinado que as catedrais possuíssem

¹ Investigação financiada por bolsa de doutoramento FCT (SFRH/BD/145807/2019).

entre cinco a sete exemplares, as colegiadas pelo menos três e as igrejas paroquiais entre dois a três, de diferentes tons (*Constituições Synodales* 1735, p. 368).

Bluteau (1720) descreve o sino como um «instrumento concavo, de metal sonoro, com badalo interiormente suspenso» (Bluteau 1720, p. 658). A sua morfologia enquadra-o na categoria dos idiofones, ou seja, os instrumentos que, uma vez percutidos, emitem som através da vibração do seu próprio corpo (Freitas, Ferreira e Barros 2015, p. 2303). No entanto, nem todos os toques constituem uma manifestação musical. O toque emitido pode ter apenas a função de sinalizar e anunciar, sem se revestir de qualidades melódicas (Sebastian 2008, p. 81; Felícia 2019, p. 113). Luís Sebastian (2006) descreve a configuração deste tipo de objetos:

o corpo do sino compõe-se do ombro na parte superior, da barriga, correspondente à curvatura convexa que liga o ombro ao bordo e, no extremo do seu maior diâmetro, do dente ou beíça, correspondente ao vértice deste bordo que faz a ligação do perfil exterior com o perfil interior. À circunferência constituída pelo dente ou beíça dá-se a designação de boca. Superiormente, com a função única de servir de fixação do sino, é adossada a asa. Esta começa na sua ligação ao corpo por um ressalto no perfil, pela sua forma designado por prato, no qual se elevam os cotos que constituem a asa [...] (Sebastian 2006, pp. 258-259).

A cada sino corresponde uma nota musical determinada pelo tamanho, peso, espessura e curvatura do bojo (Correia 2005, p. 34). A sua qualidade, segundo Birinuccio (1559), derivava de três fatores: a liga metálica², a forma e o rigor dos cálculos aplicados. Para além disto, a tradição popular reveste-o de superstições e crenças desde a sua fundição. Este processo³, durante o qual não era permitida a presença feminina, era uma tarefa complexa que ocupava 23 dias e noites⁴. Acreditava-se que o arremesso de moedas de prata ou ouro para a fornalha, com a bênção de um sacerdote, bem como a divulgação de mentiras por entre a população conferia ao objeto uma melhor sonoridade (Sebastian 2008, p. 96).

As suas propriedades bentas eram-lhes atribuídas através do batismo, dirigido por um bispo ou pároco. Este ritual, repleto de orações, incenso, flores e elementos simbólicos⁵, contava com «a lavagem interior e exterior do sino com agua benta salgada, as quatro unções exteriores e as quatro interiores com o santo Chrisma» (Bellino 1900, p. 57). Era então escolhido o nome para a peça que podia aludir ao orago da igreja, à invocação inscrita ou à instituição que a encomendava.

² Geralmente quatro partes de cobre para uma de estanho. Dependendo do timbre as proporções apresentam pequenos ajustes. Com esta liga, *Campanil*, eram feitos os sinos e as campainhas (Felícia 2019, p. 112).

³ Aponta-se a técnica de modelação horizontal com falso sino em cera descrita na obra de Theophilus Lombardicus (séculos XI-XII); a modelação horizontal com falso sino em barro, descrita por Vannoccio Biringuccio (1559) e a modelação vertical com falso sino em barro. Sobre o tema consultar Sebastian 2008, pp. 65-71.

⁴ Esta duração manteve-se praticamente inalterada desde a época medieval. Ver Felícia 2019, p. 70.

⁵ Consultar Felícia 2019, p. 123; Sebastian 2008, p. 94.

A prática do toque manual e os regionalismos empregados conferiam especificidades hoje difíceis de descortinar⁶. A tarefa de tocar requeria conhecimento específico. O tipo de toque adaptava-se ao grau de solenidade da celebração e ao aviso emitido, nomeando-se o «cantar, chorar, repicar, badalar, rebater, tanger, destanger, correr, bombear, bamboar, dobrar» do sino (Sebastian 2008, pp. 97-99). A título exemplificativo indica-se que o rebate poderia anunciar reuniões civis e alertar para incêndios, naufrágios e perseguições, indicando que se deveriam «tomar as armas e resistir» (Bluteau 1720, p. 134).

Os sinos convocavam para os ofícios, davam notícia das festividades litúrgicas, nascimentos, casamentos e falecimentos, participando dos próprios rituais. O anúncio do nascimento de um rapaz implicava, em algumas regiões do norte de Portugal, badaladas ímpares, enquanto o de uma rapariga era feito em número par. O falecimento masculino era comunicado pelas peças maiores e mais graves, que tocavam de dois a três dobres, enquanto os femininos eram emitidos seis a nove dobres pelos sinos mais pequenos e agudos⁷. Em tempos, o número de badaladas dependia do montante pago ao sineiro, mas a Implantação da República estabeleceu três dobres para os homens e quatro para as mulheres (Sebastian 2008, pp. 99-101).

No APFD encontram-se algumas menções ao toque dos sinos. Em 1760, a Confraria de Nossa Senhora do Rosário dá conta, em sede de *Visitação*, da existência de uma quezília entre o «Reverendo Parrocho» e o «Reverendo Prior». O primeiro tinha que pedir licença ao segundo para tocar os sinos, processo que, muitas vezes, levou a que não fossem tocados, o que gerava «escandallo ao qui si deve dar providencia» (APFD. *Requerimento...*, fl. 1). Como aborda Yuri Vieira, o controlo do uso do sino «representa questões de ordem económica e política», bem como de ordem espiritual e temporal (2022, p. 54). O conflito hierárquico era traduzido na mobilização da comunidade através do percutir dos sinos.

A documentação do século XIX pertencente à Confraria do Santíssimo Sacramento (CSS) menciona despesas com o toque dos sinos. Em 1827/1828 é pago «#480» a «quem tocou os sinos» (APFD. *Receita e despeza...*, liv. 22, fl. 9v) e «ao Santarem de tocar os sinos #360» (APFD. *Receita e despeza...*, liv. 22, fl. 29). No ano seguinte, refere-se a atribuição de uma «gratificação aos moços do convento por tocarem os sinos nas funções da Confraria» (APFD. *Receita e despeza...*, liv. 22, fl. 13v) e, em 1831/1832, alude-se ao pagamento feito ao «criado do convento⁸ pelos repiques» (APFD. *Livro de Receitas...*, liv. 20, fl. 117v). As fontes da primeira metade de Novecentos são indadoras de que diversas eram as mãos que manuseavam os sinos. É recorrente o registo do nome «Santarem» nas despesas da CSS. Desconhece-se a identidade do indivíduo,

⁶ Para maior desenvolvimento consultar Paula 2018.

⁷ Dobrar o sino consiste na inversão da posição da peça sobre si mesma. Sobre os vários tipos de toque consultar Sebastian 2008, pp. 97-103 e Paula 2021.

⁸ A introdução da expressão «convento» diz respeito à residência beneditina, confirmando a existência de uma comunidade organizada e hierarquizada.

mas certamente seria alguém de confiança da instituição, que havia dado mostras da qualidade do seu trabalho.

Em 1857, há menção ao pagamento feito ao «sacristão por tocar os sinos» (APFD. *Livro de receitas...*, liv. 23, fl. 40). De facto, já as *Constituições Synodaes* (1585) identificavam «o sa[n]cristam» como o responsável por «[tanger] os sinos» (*Constituições Synodaes* 1585, p. 79). O «ordenado [do] sineiro» passa a ser registado no século XX, contando com o montante de «150.00» (APFD. *N.º 1: CSS, Memorial*, liv. 30, s/fl.). Note-se que antes de 1834, ano da Lei de Extinção das Ordens Religiosas em Portugal, eram os elementos da comunidade religiosa, nomeadamente os membros de idade mais tenra e os servos, que tinham a função de tocar o sino. Só após o encerramento desta comunidade beneditina é que se encontra a alusão ao sacristão e ao sineiro.

Se por um lado se indicam as despesas feitas com o toque, por outro, as receitas confirmam que os devotos pagavam diretamente às confrarias o tanger dos sinos por devoção (APFD. *Livro de receitas...*, liv. 24a, fl. 79v). Neste contexto, o percutir dos sinos ultrapassa a ação de demarcador de tempo ou mobilizador da comunidade. O sino e o seu percutir afirmam-se como meios de mediação entre o crente e o divino. Ele é a «voz de Deos» que assiste os devotos (Bluteau 1720, p. 658). Em tempos, acreditava-se que afastava bruxas, feitiços, demónios, espíritos malignos e doenças (Almeida 1966, pp. 342-346; Sebastian 2008, p. 352). Por exemplo, auxiliava gestantes e parturientes e conferia proteção contra doenças auditivas (Braga 1936, p. 42; Diogo et al. 2017, p. 5). Este caráter profilático era reforçado pelos motivos sacros aplicados às faces do objeto. Entre as iconografias⁹ inseridas, contam-se os padroeiros da paróquia ou freguesia, invocações marianas, como a Virgem da Ternura e a Imaculada, e representações cristológicas (Sebastian 2008, p. 64; Felícia 2019, p. 105). Entre os séculos XIII/XV, verifica-se uma intensa representação de Santa Águeda, devoção associada à proteção das mulheres lactantes e amas de leite, incêndios e queimaduras (Sebastian 2008, p. 62; Réau 2000, pp. 33-34). A partir da época moderna foi sendo progressivamente substituída por Santa Bárbara, protetora contra tempestades (Almeida 1964, pp. 305-352).

3. FOZ DO DOURO: IDENTIDADE E MEMÓRIA

A Foz do Douro, couto do mosteiro beneditino de Santo Tirso entre o século XIII e a *Extinção das Ordens Religiosas* (1834), foi um dos principais pontos de entrada e saída de pessoas e mercadorias que tinham como destino a zona ribeirinha da cidade do Porto e terras além-mar.

Nos séculos IX/X foi erguida, junto à barra, uma ermida dedicada a São João Batista, que manteve a sua função paroquial até ao século XVI (Osório 1993, pp. 71-78).

⁹ Aplicados através de caracteres móveis em cera, reproduzidos a partir de carimbos de madeira ou gesso e aplicados na face externa do falso sino, que derretiam, deixando os contornos impressos. Ver Diogo et al. 2016.

Entre 1527/1547, dá-se a construção da nova igreja renascentista. Esta obra foi encomendada por D. Miguel da Silva, abade comendatário do mosteiro de Santo Tirso e bispo de Viseu, que incumbiu o *muratore* italiano Francisco de Cremona do programa construtivo¹⁰.

A necessidade de proteção da costa levou à construção da Fortaleza da Foz¹¹, erguida em redor da igreja renascentista (Fig. 1). Pelo menos desde 1570 até à década de 1640, assiste-se ao convívio entre religiosos e forças militares no mesmo complexo. Devido à instabilidade decorrente da Guerra da Restauração¹² (1640-1668) e à necessidade de requalificação da estrutura militar a cargo de Lassart¹³, a coabitação entre as duas comunidades torna-se insustentável (Santos 2022, p. 171). Após a saída dos beneditinos do complexo, é decidido, entre 1646/1647, «derruba[r] a igreja velha e torres della», mantendo a «capella maior para se dizer missa a gente do castello» (ADP. *Livro da Igreja...*, fl. 125). No decorrer desta empreitada, foi retirado o «sino maior, linhas e grades de ferro» (ADP. *Livro da Igreja...*, fl. 125).

Neste contexto, impunha-se a construção de um novo espaço sacro. Em 1640, Fr. André Marques de Almeida doa os terrenos necessários para o novo edifício. Inicialmente foram adaptadas as estruturas preexistentes às funções de igreja paroquial, fundando-se a capela-mor a norte (Santos 2022, pp. 171-209). Entre meados de Seiscentos e a década de 1730 foi sendo edificada, aos poucos, a igreja que chegou aos nossos dias¹⁴.

Dada a necessidade de se ornamentar o novo espaço, os beneditinos pediam que se trouxesse «o sino [...] que estava na igreja velha» (ADP. *Livro da Igreja...*, fls. 125-125v). Aparentemente, este pedido não foi atendido, uma vez que, em 1647, há menção à fundição de «hum sino no castelo», no qual se aplicou «parte do metal do sino grande que estava em huma das torres da igreja velha» (ADP. *Registos de memória...*, fl. 14). O novo sino tinha «hum Saom Bento» com a sua «casula e bacolo e mitra» (ADP. *Registos de memória...*, fl. 14). Porém, era pretendido dedicar a peça ao padroeiro da paróquia, colocando-se «hum litreiro de Saom Joaom ao redor» (ADP. *Registos de memória...*, fl. 14), ou seja, uma inscrição a evocar São João Batista. De facto, as inscrições eram presença comum nos sinos, podendo assumir uma grande variedade de evocações, mediante a encomenda (Felícia 2019, p. 106). Talvez este aparente engano derive de uma prática assinalada por Diana Felícia (2019), que constata a aplicação das «datas iniciais dos sinos em alguns casos de refundição» (Felícia 2019, p. 153). Tendo em conta a situação descrita pela fonte, pode ser que estejamos perante a replicação do anterior motivo hagiográfico.

¹⁰ Consultar Santos 2022; Abreu 2010, pp. 561-562; Barroca 2001.

¹¹ Habitualmente designada por Castelo da Foz do Douro.

¹² A Guerra da Restauração (1640-1668) colocou as coroas de Portugal e Castela em conflito pelo direito ao trono português.

¹³ Consultar Barroca 2001.

¹⁴ Para maior desenvolvimento do tema consultar Santos 2024.

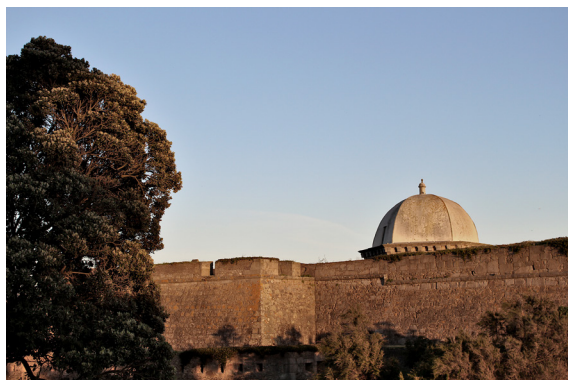


Fig. 1. Fortaleza de São João da Foz do Douro e cúpula da antiga igreja renascentista, 2019

Fonte: Fotografia da autora



Fig. 2. São Bento. Retábulo-mor da igreja paroquial da Foz do Douro, 2021

Fonte: Fotografia da autora

São Bento, patriarca da Ordem afeta ao território, é representado com o hábito negro, báculo, livro e mitra. No contexto da Foz, este último atributo é colocado aos pés, num gesto de humildade perante a condição de abade (Fig. 2). Este modelo iconográfico é pouco comum em território nacional, sendo mais usual a representação do Santo com a mitra na cabeça (Réau 2000, p. 197). No entanto, este modelo pode ser encontrado na gravura da «Regvla sanctissimi benedicti monachorvm omnivm patris almifici» (1586) (SMS. *Regvla sanctissimi benedicti...*).

A utilização da expressão «sino grande», em 1647, particulariza o objeto, levando a crer que existissem outros exemplares. Um documento de 1699 menciona a refunção de «huns pedasso de sino» que serviu na igreja, e que «pezavam seis arroba e mea» (ADP. *Livro da Igreja...*, fls. 120-121). Desconhecemos se as fontes se referem ao mesmo objeto.

A fonte de finais de Seiscentos indica que o trabalho ficou a cargo do sineiro «Manuel Fernandez», morador na «Travessa dos Gatos». A partir das «seis arroba e mea» foi possível criar um sino que «pezava trez arroba» para servir na fortaleza, «sete campainhas de mesa» em formato de «mea laranja» e uma «outra campainha de [duas] arroba» (ADP. *Livro da Igreja...*, fls. 120-121). As sete campainhas tiveram como destino «as guaritas do dito Castello», enquanto a maior foi colocada na «capella», referindo-se assim à antiga capela-mor da igreja renascentista (ADP. *Livro da Igreja...*, fls. 120-121). Até ao momento desconhecem-se mais dados que nos permitam avançar nesta leitura.

A documentação é omissa quanto à transferência de qualquer sino da antiga igreja renascentista para a nova igreja paroquial no século XVII. No entanto, a Visitação de 1667 confirma que a nova igreja se encontrava «bem servida» (APFD.

Documentos avulsos..., fl. 1), confirmando a realização de liturgia. Tal menção é indicadora da existência de, pelo menos, um sino funcional.

4. A IGREJA PAROQUIAL DA FOZ DO DOURO: TORRES SINEIRAS E OS SEUS SINOS

A atual igreja paroquial da Foz do Douro resulta de um processo construtivo que se prolongou entre a segunda metade do século XVII e a primeira do século XVIII¹⁵. Destacam-se as datas de 1728 e 1733¹⁶, que correspondem à construção das torres sineiras (Fig. 3) (ADP. *Recompilador...*, fls. 162-162v). A sua estrutura é de planta quadrada, encontrando-se dividida em andares, com caixa de escadas no interior, iluminada por pequenas aberturas desniveladas. No último patamar, existem três vãos criados por arcos de volta perfeita, nos quais são colocados os sinos. O remate das torres é feito por uma cobertura em pináculo decorada por urnas.

No século XVIII era possível aceder-se à torre poente a partir do complexo residencial. A atual casa paroquial fazia parte das antigas estruturas beneditinas, tendo sofrido adaptações, hoje difíceis de descortinar (Santos 2022, p. 195). Ainda é visível, na fachada ocidental, o vão que fazia esta ligação, hoje entaipado (Fig. 4). Até 1937 era possível aceder-se à torre nascente a partir da nave da igreja. Com a colocação do retábulo de Nossa Senhora da Luz junto ao primeiro lanço de escadas¹⁷, perdeu-se esta serventia. Dos iniciais três lanços, apenas subsistem dois que ligam o coro alto ao topo da torre. Atualmente, a passagem entre as torres é feita pelo interior da abóbada, junto à empena.

Se no século XVII a igreja era servida por pelo menos um sino, entre 1731 e 1733 é referida a feitura do «sino grande e fundi[ção] [d]o pequeno» (ADP. *Recompilador...*, fl. 162v), indicando a existência de, pelo menos, dois exemplares. O inventário de 1891 da CSS alude à existência de «tres sinos de bronse [...] na torre» (APFD. *Livro do tomo...*, liv. 3, fl. 23), desconhecendo-se se alguma das peças corresponde à encomenda de 1731/1733. O registo de despesas da CSS de 1901/1902, confirma o montante de «2.500» para a «compostura dos ferros dos sinos», feita por João Coimbra e filhos (APFD. *Livro diário...*, liv. 28, fl. 37).

A mesma Confraria, com «alguns paroquianos», requiere, a 8 de novembro de 1922, à Comissão Administrativa da Junta de Freguesia da Foz a autorização para se fazerem «melhoramentos importantes na Igreja, entre os quais a substituição de dois sinos da torre» (AMF. *Substituição dos sinos...*, fl. 2). Estas peças, com o peso de «mil trezentos e cinquenta e cinco quilos», estavam danificadas, «produzindo sons desagradáveis aos ouvidos de toda a gente». Requeria-se assim a sua substituição por um

¹⁵ Consultar Santos 2022, pp. 171-212.

¹⁶ Triénios do Reverendo Fr. Manuel da Ascensão (1728-1730) e do Reverendo Fr. Veríssimo da Ascensão (1731-1733).

¹⁷ Localizado no primeiro arco abatido, junto à entrada da igreja, do lado direito. Ver Santos 2022, pp. 207-208.



Fig. 3. Igreja paroquial da Foz do Douro, 2022

Fonte: Fotografia de Carlos Sousa Pereira



Fig. 4. Fachada ocidental da igreja paroquial da Foz, 2022

Fonte: Fotografia da autora

«carrilhão, afinado musicalmente», com o peso de «dois mil cento e desasseis quilos» (AMF. *Substituição dos sinos...*, fl. 2).

A falta de «condições» alegada pela população levou a que a Comissão, por unânime, consentisse a substituição das peças. É enviado o processo à Direção-Geral da Justiça e dos Cultos, solicitando que os sinos fossem «retirados e refundidos para dar lugar ao fabrico de novo carrilhão de oito sinos» (AMF. *Substituição dos sinos...*, fl. 2). Este conjunto abrangia uma oitava diatónica, possibilitando a interpretação de obras musicais. O toque era feito através de um sistema de cordas colocadas sobre tensão, criando a denominada *aranha*, que o sineiro ativava com as mãos e pés. Atualmente, no conjunto da torre poente, ainda são visíveis partes deste engenho.

O processo estende-se até 1926, havendo notícia de que, a 16 de dezembro desse ano, foram embargados os dois sinos da igreja da Foz na estação de caminhos de ferro do Porto-Alfândega, devido à falta do parecer da «Comissão Central de Execução da Lei da Separação»¹⁸. Apenas no ano seguinte é que as peças foram «despachad[a]s para Braga» para refundição (AMF. *Substituição dos sinos...*, fl. 17).

No decorrer deste processo, em 1926, propõe-se a colocação de um «relogio moderno, com dois mostradores, sendo um deles luminoso» (AMF. *Substituição dos*

¹⁸ Sobre o impacto desta lei consultar Paula 2021.



Fig. 5. Sino da torre poente, 2023

Fonte: Fotografia de Carlos Sousa Pereira

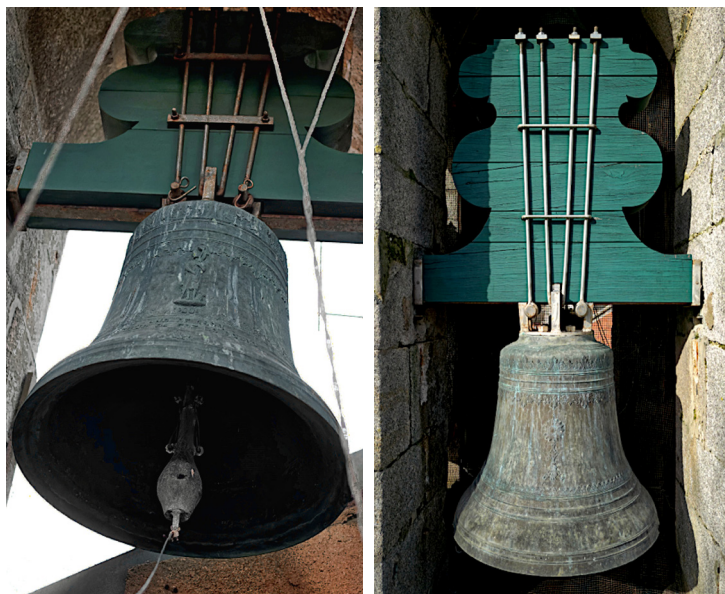


Fig. 6. Sino da torre poente. Vão virado ao largo da igreja. Duas faces, 2023

Fonte: Fotografias de Carlos Sousa Pereira

sinos... , fls. 5-6.). A alusão a um relógio anterior surge no inventário de 1892 da CSS: «um relógio de ferro da torre» (APFD, *Livro do tombo...*, liv. 3, fl. 36v). A integração destes mecanismos nas torres, associados ao toque das horas, reforçam a função dos sinos enquanto marcadores de tempo. Nos dias de hoje, existem dois relógios, um ao centro da empena e outro na torre poente (Fig. 3 e Fig. 5).

Atualmente, as torres sineiras da igreja da Foz comportam 17 sinos, um na torre nascente e os restantes na poente. Nos vãos da torre poente foram colocados os sinos maiores (Fig. 5), enquanto os restantes 12, de média e pequena dimensão, foram suspensos pelo seu cabeçalho a vigas de ferro. A grande maioria destes exemplares data de 1928, devendo corresponder ao processo iniciado em 1922. Os vestígios materiais que nos chegaram comprovam a execução do dobro dos exemplares inicialmente determinados.

Os sinos de maiores dimensões seguem a mesma linguagem decorativa. Na base da barriga, na face virada ao interior da torre, localiza-se o sinete onde se identifica a empresa responsável pela fundição do sino: «A FUNDIÇÃO DE SINOS DE BRAGA DE JOSÉ G. COUTINHO & CA BRAGA»¹⁹. Seguidamente, dois cordões enquadram a inscrição «ANO DE 1928/ S. JOÃO DA FOZ DO DOURO», que nos permite situar cronologicamente a feitura da peça. Ao centro da barriga está a imagem de São João Batista, orago da paróquia. O Santo, representado de pé, enverga vestes de ermita, que a tradição identifica como pele de camelo. Aos seus pés, está o cordeiro e, nas mãos, segura no estandarte com remate em cruz. Por debaixo da figura é indicada a nota musical à qual o exemplar corresponde (Fig. 6). Este conjunto contempla as notas Dó, Mi e Sol.

A rematar a barriga encontram-se rendilhas de pendor vegetalista e três cordões (Fig. 6). Note-se que a rendilha junto à imagem do Santo abre em resplendor (Fig. 6). Na face virada ao exterior representa-se um ostensório (Fig. 6), motivo amplamente utilizado em diversas cronologias.

Os 12 sinos suspensos à cobertura contemplam os mesmos motivos. Numa das faces, na base da barriga, pode ler-se a inscrição «ANO DE 1928/ S. JOÃO DA FOZ DO DOURO».

Ao centro encontra-se o sinete, sob o qual é indicada a nota do sino. Os 12 exemplares contemplam a oitava diatónica, integrando os meios tons. A rematar a peça, destacam-se os cordões e as rendilhas com motivos vegetalistas e, na outra face, o ostensório (Fig. 7).

Um dos sinos deste conjunto terá sido substituído ou refundido, uma vez que a 28 de fevereiro de 1997 a Fundição de Sinos de Braga Serafim da Silva Jerónimo & Filhos, Lda. procedeu à colocação de «um sino modelo antigo de nota FA (diâmetro 57 cm)»²⁰. Esta empresa montou ainda «um relógio Maestro», «4 martelos de picar

¹⁹ Este sinete corresponde ao molde publicado em Sebastian 2008, p. 69.

²⁰ Informação de José Esteves da Fundição de Sinos de Braga Serafim da Silva Jerónimo & Filhos, Lda. por email no dia 27-01-2023.



Fig. 7. Sinos do interior da torre poente, 2023

Fonte: Fotografias de Carlos Sousa Pereira



Fig. 8. Sino da torre nascente. Duas Faces

Fonte: Fotografias de Carlos Sousa Pereira (dir.) e da autora (esq.)

e 1 motor de bamboar»²¹. Data desta época a automatização do toque deste conjunto e, conseqüentemente, o desmantelamento da aranha.

Na torre nascente localiza-se um exemplar de grandes dimensões, colocado no vão virado ao largo da igreja (Fig. 8). Nesta face pode ler-se a data de 1957 e o sinete «FUNDIÇÃO DE SINOS RIO TINTO DE L. M. DA COSTA PORTO» (Fig. 8), referindo-se à fundição de Laurentino Martins da Costa. Esta empresa deriva da Fundição de Sinos Luís Rocha e C.^a, fundada em 1899 e «referida como *Portuense* a partir de 1915» (Felícia 2019, pp. 44-48).

Na zona superior da barriga do sino, para além dos cordões, foram aplicadas rendilhas de inspiração vegetalista (Fig. 8). Ao centro, encontra-se a representação de um ostensório, igual ao carimbo FSRT.C.022 utilizado na referida fundição (Felícia 2019, p. 106). Na outra face, pode ver-se uma cruz (Fig. 8), criada através da repetição de motivos geométricos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parcos são os registos documentais alusivos aos sinos da paróquia da Foz do Douro ao longo da diacronia. As refundições a que estes objetos estiveram sujeitos, bem como a movimentação da sede paroquial pelo território, a demolição de parte da antiga igreja renascentista e adaptação do espaço ao serviço militar, contribuíram para o desaparecimento material destas peças, bem como dos seus códigos. O que chega aos nossos dias são os exemplares fundidos e refundidos ao longo do século XX. A análise destas peças permite situar a sua feitura entre 1928 e 1997, enquadradas na produção de três fábricas: a Fundição de Sinos de Braga de José G. Coutinho & Ca., a Fundição de Sinos de Rio Tinto de Laurentino Martins da Costa e a Fundição de Sinos de Braga Serafim da Silva Jerónimo & Filhos. Os exemplos apresentados atuam como modelos de reflexão sobre a temática, nomeadamente no que diz respeito às iconografias aplicadas, contribuindo, ao mesmo tempo, para o aumento do catálogo de peças conhecidas das fundições mencionadas.

Atualmente automatizados, os sinos da Igreja Paroquial da Foz do Douro continuam a convocar a comunidade para a liturgia, marcam as horas ao longo do dia e são percutidos em dias de festividade.

FONTES

Arquivo Distrital do Porto

ADP. *Recompilador da demarcação do Couto de S. João da Foz*. K/16/6 – 16.

ADP. *Livro da Igreja de S. João da Foz*. K/16/4 – 45.

ADP. *Registos de memória e demarcação deste Couto de S. João da Foz*. K/25/1/3– 318.4.

²¹ Informação de José Esteves [...].

Arquivo do Ministério das Finanças

AMF. *Substituição dos sinos da igreja da Foz do Douro*. CJBC/PTO/PTO/ADMIN/153.

Arquivo Paroquial da Foz do Douro

APFD. *Livro do tomo dos bens da CSS*, liv. 3.

APFD. *Livro de Receitas do Santíssimo*, liv. 20.

APFD. *Receita e despesa da sacristia da CSS*, liv. 22.

APFD. *Livro de receitas e despesas da CSS*, liv. 23.

APFD. *Livro de receitas e despesas da CSS*, liv. 24a.

APFD. *Livro diário da receita e despesa da CSS*, liv. 28.

APFD. *N.º 1: CSS, Memorial*, liv. 30.

APFD. *Documentos importantes da CSs*. CSS-11.

APFD. *Documentos avulsos*. CSS-61.

APFD. *Requerimento que se fez ao dito visitador sobre couzas da igreja*. CSS-81.

Sociedade Martins Sarmento

SMS. *Regvla sanctissimi benedicti monachorum omnium patris almifici*. 1586.BS 8-1-87.

FONTES IMPRESSAS

ABELLINO, Albano, 1900. *Archeologia Christã*. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal.

BIRINGUCCIO, Vannoccio, 1559. *De la Pirotechnia* [Em linha]. Veneza: P. Gironimo Giglio e Compagni [consult. 2024-12-06]. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_TTQ6AAAAcAAJ.

BLUTEAU, Rafael, 1720. *Vocabulario Portuguez & Latino*. Lisboa: na Officina de Pascoal da Sylva. Vol. 7. *Constituições Synodaes do Bispado do Porto ordenadas pelo muyto illustre & Reuerendissimo Senhor Dom frey Marcos de Lisboa [...]*. Coimbra: por Antonio de Mariz, á custa de Giraldo Mendez livreiro, 1585.

Constituições Synodaes do Bispado do Porto [...] novamente feitas, e ordenadas pelo illustrissimo e reverendissimo Senhor Dom João de Sousa. Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1735.

ENTREVISTAS

Entrevista de 27 de janeiro de 2023 feita a José Esteves da Fundação de Sinos de Braga Serafim da Silva Jerónimo & Filhos, Lda. Via email.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Susana, 2010. A obra do arquitecto italiano Francesco da Cremona (c. 1480 – c. 1550) em Portugal: novas pistas de investigação. Em: Natália FERREIRA-ALVES, ed. *A Encomenda. O Artista. A Obra*. Porto: CEPES, pp. 557-583.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1981. Território Paroquial de Entre-Douro-e-Minho: Sua sacralização. *Nova Renascença*. 1(2), 202-212.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1966. Carácter mágico do toque das campainhas: apotropaicidade do som. *Revista de Etnografia*. Vol. VI, tomo 2, (12), 339-370.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1964. Senhora da Abadia. *Revista de Etnografia*. Vol. II, tomo 2, (4), 305-352.

BARROCA, Mário Jorge, 2001. *As fortificações do litoral portuense*. Lisboa: Inapa.

- BRAGA, Alberto Vieira, 1936. As vozes dos sinos na interpretação popular e a indústria sineira em Guimarães. *Revista Lusitana*. XXXIV, 5-104.
- COLEMAN, Satis N., 1928. *Bells – Their History, Legends Making, and Uses*. Chicago: Rand McNally & Company.
- CORREIA, Mário, 2005. *Toques de sinos na terra de Miranda*. Sendim: Centro de música tradicional Sons da Terra.
- DIOGO, Andréa, et al., 2017. Tradição Sineira: Entre o Tangível e o Intangível. *Revista MEMORIAMEDIA* [Em linha]. (2) [consult. 2024-11-19]. ISSN 2183-3753. Disponível em: https://www.academia.edu/38134222/Trad%C3%A7%C3%A3o_Sineira_entre_o_tang%C3%ADvel_e_o_intang%C3%ADvel.
- DIOGO, Andréa, et al., 2016. Tradição Sineira: Entre o Tangível e o Intangível. Em: *Google Arts and Culture* [Em linha] [consult. 2023-03-02]. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/xwWBYEjpvglILA?hl=pt-PT>.
- DURAND, A., 1858. *Le culte catholique dans ses cérèmonies et ses symboles*. Paris: Editions de la Sainte Face.
- FELÍCIA, Diana, 2019. *De Campanis Fundentis. A Fábrica de Fundição de Sinos de Rio Tinto*. Relatório de 2.º Ciclo de Estudos em História da Arte, Património e Cultura Visual, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- FERREIRA-ALVES, Jaime, 2006-2007. Torres sineiras a norte do Douro nos séculos XVII-XVIII (I). *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*. Série I, V-VI, 181-188.
- FREITAS, Corrêa, Ana Lúcia FERREIRA, e Thales Gonçalves BARROS, 2015. Sinos: Física e música fundidas em bronze. *Revista Brasileira de Ensino de Física*. 37(2), 2303-2316.
- FURTADO, Maria Adelaide, 2024. *Sinos – um património imaterial*. Leiria: Hora de Ler.
- OSÓRIO, Isabel Noronha Pinto, 1993. A intervenção arqueológica no castelo de São João da Foz. Novos elementos para a reconstituição dos espaços. Em: Francisco Faria PAULINO, coord. *Arquitectura militar na expansão portuguesa*. Porto: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 71-80.
- PAULA, Rodrigo Teodoro de, 2021. Vozes «brônzeas» na paisagem sonora eborense. Em: Antónia Fialho CONDE, Vanda de SÁ, e Rodrigo Teodoro de PAULA. *Paisagens sonoras históricas. Anatomia dos sons nas cidades* [Em linha]. Évora: CIDEHUS [consult. 2024-12-06]. Disponível em: <https://books.openedition.org/cidehus/17455#anchor-completeplan>.
- PAULA, Rodrigo Teodoro de, 2018. O «som brônzeo» da morte: Poder e liturgia fúnebre a partir da torre sineira da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa (1730-69). *Revista Portuguesa de Musicologia*. Nova Série, 5(1), 93-116.
- RÉAU, Louis, 2000. *Iconografía del arte cristiano, Iconografía de los santos de la A a la F*. Barcelona: Ediciones del Serbal. Tomo 2, vol. 3.
- SANTOS, Marisa Pereira, 2024. El espacio sagrado en construcción: el estudio del caso de la Iglesia de San Juan Bautista de Foz do Douro. *Revista Laboratorio de Arte. Revista del Departamento de Historia del Arte de la Universidad de Sevilla*. (36), pp. 213-233.
- SANTOS, Marisa Pereira, 2022. «Silêncio... a Foz vai doirando lentamente...» *Território, Devoção e Práticas Culturais da Foz do Douro*. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- SEBASTIAN, Luís, 2008. *Subsídios para a História da fundição sineira em Portugal*. Coruche: Câmara Municipal de Coruche, Museu Municipal de Coruche. Trajectos da História, 3.
- SEBASTIAN, Luís, 2006. O sino Manuelino da Sé de Lamego. Em: Nuno RESENDE, coord. *O Compasso da Terra. A arte enquanto caminho para Deus*. Lamego: Diocese de Lamego, vol. I, pp. 249-272.

- SOUSA, Ana Cristina, 2010. *Tytolo da prata (...), do arame, estanho e ferro (...), latam cobre e cousas meudas... Objectos litúrgicos em Portugal (1478-1571)*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- VIEIRA, Yuri, 2022. “Ring them bells”: *Instrumentos musicais e tecnologia numa fábrica de sinos e relógios de torre em Portugal*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.
- VITERBO, Francisco Sousa, 1915. *Artes e indústrias metálicas em Portugal: Relojoaria, Sinos e Sineiros*. Coimbra: Imprensa da Universidade. Separata de *O Instituto: Revista Científica e Literária*. **62**(4).
- VITERBO, Francisco Sousa, 1896. Artistas e Artífices de Guimarães: notícia documental. *Revista de Guimarães*. Guimarães. **13**(4), 169-189.